

MARTHA BATALHA

A VIDA INVISÍVEL
DE EURÍDICE GUSMÃO

1.

Quando Eurídice Gusmão se casou com Antenor Campelo, as saudades que sentia da irmã já tinham se dissipado. Ela já era capaz de manter o sorriso quando ouvia algo engraçado, e podia ler duas páginas de um livro sem levantar a cabeça para pensar onde Guida estaria naquele momento. É verdade que continuava a busca, conferindo nas ruas os rostos femininos, e uma vez teve a certeza de ter visto Guida num bonde rumo a Vila Isabel. Depois esta certeza passou, como todas as outras que teve até então.

Por que Eurídice e Antenor se casaram ninguém sabe ao certo. Alguns acreditam que as bodas se consumaram porque José Salviano e Manuel da Costa já estavam comprometidos. Outros apontam a doença da tia de Antenor como responsável pela união, já que agora ela não podia mais lavar as roupas do sobrinho com o sabão especial de lavanda, ou preparar a canja de galinha com pedaços transparentes de cebola, porque se Nonô apreciava o gosto de cebola detestava a sua textura, sendo um único pedaço camuflado no feijão capaz de lhe deixar com engulhos e arrotos por uma longa tarde regada a Alka-Seltzer. Há ainda aqueles que acreditam que Eurídice e Antenor de facto se apaixonaram, e que

essa paixão durou os três minutos de uma dança a dois num baile de máscaras do Clube Naval.

A questão é que se casaram, com igreja lotada e recepção na casa da noiva. Duzentos bolinhos de bacalhau, dois engradados de cerveja e uma garrafa de champanhe para o brinde na hora do bolo. Um vizinho professor de violino se ofereceu para tocar na festa. Cadeiras foram empurradas contra a parede, para os casais dançarem uma valsa.

Não havia muitas moças na festa, porque Eurídice não tinha amigas. Havia duas tias não muito velhas, uma vizinha não muito vistosa, uma outra não muito simpática. A jovem mais bonita estava na imagem do único porta-retratos da sala.

– Quem é a moça da foto? – perguntou um amigo do noivo.

Antenor cutucou o amigo, disse que aqueles não eram modos. O moço ficou sem graça, olhou para os lados, olhou para o copo na mão. Deixou a cerveja na mesa e foi para a outra ponta da sala.

Foi uma cerimônia simples, seguida por uma festa simples, e por uma lua de mel complicada. O lençol não ficou sujo, e Antenor se indignou.

– Por onde raios você andou?

– Eu não andei por canto algum.

– Ah, andou, mulher.

– Não, não andei.

– Não me venha com desculpas, você sabe muito bem o que deveríamos ter visto aqui.

– Sim, eu sei, minha irmã me explicou.

– Vagabunda. Eu me casei com uma vagabunda.

– Não fale assim, Antenor.

– Pois falo e repito. Vagabunda, vagabunda, vagabunda.

Sozinha na cama, corpo escondido sob o cobertor, Eurídice chorava baixinho pelos *Vagabunda* que ouviu, pelos *Vagabunda* que a rua inteira ouviu. E porque tinha doído, primeiro entre as pernas e depois no coração.

Nas semanas seguintes a coisa acalmou, e Antenor achou que não precisava devolver a mulher. Ela sabia desaparecer com os pedaços de cebola, lavava e passava muito bem, falava pouco e tinha um traseiro bonito. Além do mais o incidente da noite de núpcias serviu para deixá-lo mais alto, fazendo com que precisasse baixar a cabeça ao se dirigir à esposa. Lá de baixo Eurídice aceitava. Ela sempre achou que não valia muito. Ninguém vale muito quando diz ao moço do censo que no campo profissão ele deve escrever as palavras «Do lar».

Cecília veio ao mundo nove meses e dois dias depois das bodas. Era uma bebê risonha e gordinha, recebida com festa pela família, que repetia: *É linda!*

Afonso veio ao mundo no ano seguinte. Era um bebê risonho e gordinho, recebido com festa pela família, que repetia: *É homem!*

Responsável pelo aumento de cem por cento do núcleo em menos de dois anos, Eurídice achou que era hora de se aposentar da parte física de seus deveres matrimoniais. Tentou explicar a decisão para Antenor, através de umas indisposições que passou a ter, nas horas soltas das manhãs de sábado e naqueles momentos escuros, depois das nove da noite. Mas Antenor não queria saber de não me toques. Ele era um homem de hábitos e de rotinas, como aquela que

envolvia chegar-se à camisola da mulher e afundar o nariz no macio do pescoço branco. Eurídice então se fez ouvir de outras formas. Ganhou um monte de quilos que falavam por si, e gritavam para Antenor se afastar.

Ela emendava o café da manhã no lanche das dez, o almoço no lanche das quatro e o jantar na ceia das nove. Intervalos eram preenchidos com as sobras de papinhas e as provas de comida, para saber se tinha muito ou pouco sal, muito ou pouco açúcar, muito ou pouco gosto. Ganhou três queixos, essa Eurídice. Parece que seus olhos diminuíram, e seus cabelos não eram suficientes para emoldurar tantas feições. Quando viu que estava no ponto, que era o ponto de fazer o marido nunca mais se aproximar, adotou formas saudáveis de alimentação. Fazia dieta nas manhãs de segunda-feira e no intervalo entre as refeições.

O peso de Eurídice se estabilizou, bem como a rotina da família Gusmão Campelo. Antenor saía para o trabalho, os filhos saíam para a escola e Eurídice ficava em casa, moendo carne e remoendo os pensamentos estéreis que faziam da sua uma vida infeliz. Ela não tinha emprego, ela já tinha ido para a escola, e como preencher as horas do dia depois de arrumar as camas, regar as plantas, varrer a sala, lavar a roupa, temperar o feijão, refogar o arroz, preparar o suflê e fritar os bifês?

Porque Eurídice, vejam vocês, era uma mulher brilhante. Se lhe dessem cálculos elaborados ela projetaria pontes. Se lhe dessem um laboratório ela inventaria vacinas. Se lhe dessem páginas brancas ela escreveria clássicos. Mas o que lhe deram foram cuecas sujas, que Eurídice lavou muito rápido

e muito bem, sentando-se em seguida no sofá, olhando as unhas e pensando no que deveria pensar.

E foi assim que Eurídice concluiu que não deveria pensar. Que para não pensar deveria se manter ocupada todas as horas do dia, e que a única atividade caseira que oferecia tal benefício era aquela que apresentava o dom de ser quase infinita em suas demandas diárias: a culinária. Eurídice jamais seria uma engenheira, nunca poria os pés num laboratório e não ousaria escrever versos, mas essa mulher se dedicou à única atividade permitida que tinha um certo quê de engenharia, ciência e poesia.

Todas as manhãs, depois de despertar, preparar, alimentar e se livrar do marido e dos filhos, Eurídice abria o livro de receitas da Tia Palmira. Pato com laranja parecia ser o jantar ideal, desde que tivesse que comprar o pato, e que em casa não houvesse laranjas. Ela colocava seu vestido de sair e ia ao aviário escolher um pato saudável. Aproveitava para escolher um frango, porque o pato deveria passar a noite imerso em vinho e especiarias, fazendo com que o jantar de hoje continuasse a ser um desafio e, nossa, ela precisava de desafios. O pato tinha que ser novo e gordo, o frango devia ter crista vermelha e peito carnudo. Na feira Eurídice levaria as laranjas para o dia seguinte, o coco para o bolo de fubá, as ameixas para o recheio do rosbife e a dúzia de bananas que alimentaria Afonso e Cecília, depois de revirarem o prato e dizerem «não gosto disto».

De volta à casa ela prenderia o frango e o pato pelas pernas, cortaria os pescoços e se envolveria em outras tarefas enquanto o sangue dos animais escorresse na bacia. Pato e frango eram escaldados por dois minutos, as penas

retiradas com o corpo ainda morno, um fogo de papel passado na superfície para queimar as penugens. Tripas e moela, fígado e coração eram extraídos por um pequeno corte na barriga, para assar a ave sem cortes, ou através de um grande corte no meio do corpo, se o prato fosse servido em pedaços.

E havia os acompanhamentos. A batata nunca era só frita, mas frita por inteiro e recheada com queijo e presunto. Cozida e gratinada com creme de leite, cortada em fatias e batizada suíça. O arroz deixou de ser branco, recebendo passas, ervilhas e cenouras, molho de tomate, leite de coco ou qualquer outro ingrediente que Tia Palmira sugerisse em suas receitas. Quando sobrava um tempinho ela investia nas sobremesas. Manjares com calda de ameixa, cascata de ovos nevados, cocada com creme de queijo. Eurídice cozinhava até terminar de encher todas as travessas, e qualquer espaço livre na mesa da copa.

As proezas culinárias da moça não eram reconhecidas pela família. Afonso e Cecília passavam por um momento de Ode ao Macarrão e Antenor não era homem de se sensibilizar por um robalo com molho de alcaparra. *Dá-me um talharim*, diziam as crianças, *dá-me um bom bife*, dizia Antenor, e Eurídice voltava para a cozinha para esquentar a água do macarrão, e prometia a Antenor um filé mignon sem cogumelos. Depois de uma ou duas noites de comida simples ela voltava para as receitas do livro, e todo mundo tinha que fingir que comia sarapatel, camarão na moranga, arroz de mariscos.

Quando já tinha testado todas as receitas Eurídice achou que era hora de criar seus próprios pratos. Aquela Tia Palmira sabia das coisas mas não sabia de tudo, e Eurídice

desconfiava que o aipim com leite poderia cobrir a carne seca, que a goiabada ficaria bem no frango à milanesa, que as farofas poderiam ter um quê deste tal de *curry* que ninguém conhecia. Numa quinta-feira pela manhã ela colocou seu vestido de sair e foi até a papelaria da esquina.

- Bom dia, D. Eurídice.
- Bom dia, seu Antônio.
- Procurando algo especial?
- Um caderno grande e pautado.

Seu Antônio apontou na estante a pilha de cadernos de capa dura e negra. Eurídice se entretinha com a escolha, e seu Antônio se entretinha com Eurídice. Talvez por ter passado a infância dormindo entre as carnes fartas da negra Chica de Jesus, responsável por criar Antônio e os irmãos enquanto a mãe frequentava os melhores salões do Rio, ele gostasse tanto das abundâncias de Eurídice. Gostava também dos olhos, do nariz arrebicado, das mãos pequeninas, da medalhinha no peito, dos tornozelos roliços e de qualquer outro lugar para onde olhasse.

Eurídice demorou-se na pilha. Aquele seria o caderno de suas receitas, precisava escolher o melhor entre os cadernos pautados. Folheou um, encontrou uma folha amassada e o devolveu para a pilha. Pegou outro, viu um sujinho na capa e desistiu. Analisou um terceiro e não encontrou defeitos. Ia entregar o eleito para Tinoco, o mulato que trabalhava desde sempre na papelaria, quando seu Antônio se adiantou para cuidar da cliente. Conversaram sobre o tempo enquanto Eurídice esperava pelo troco. Ela foi embora sem imaginar que seus comentários sobre a chuva seriam o ponto alto da semana para aquele homem.

No caminho de volta Eurídice cantarolava, feliz. Parou de cantarolar e ficou menos feliz quando ouviu um «bom dia, comadre!»

Zélia, a vizinha da casa ao lado. Zélia era uma mulher de muitas frustrações. A maior delas era não ser o Espírito Santo, para tudo ver e tudo saber. Zélia estava na verdade mais para Lobo Mau do que para Espírito Santo, porque tinha olhos grandes para ver melhor, ouvidos grandes para ouvir melhor e uma boca muito grande, que distribuía entre os vizinhos as principais notícias do bairro. Zélia também tinha um pescoço de tartaruga, que parecia expandir-se por dentro da gola toda vez que alguém de seu interesse passava pela frente de casa. Aquela mulher era mais esquisita que um ornitorrinco, e um tipo como aquele só não causava mais estranheza porque Zélia era apenas uma entre tantas da mesma laia que habitavam aquele tempo e lugar.

– Precisando complementar o material escolar das crianças?

Eurídice colocou o pacote junto ao peito, num gesto dúbio até para ela. Não sabia se estava protegendo o peito ou o pacote.

– Bom dia, comadre. Este é... um caderno para anotar as despesas da casa.

No dia seguinte todas as mulheres da rua lamentavam o facto de Eurídice e Antenor estarem passando por dificuldades financeiras. Pudera, dizia Zélia. Eurídice não tinha limites em suas compras na mercearia, e como alguém podia ir tantas vezes às Casas Pedro em busca de especiarias? E que cheiros saíam daquela cozinha! Cheiros exóticos, que não

faziam parte do feijão com arroz das outras casas. Aquela farra tinha que acabar.

Incapaz de ser o Espírito Santo, Zélia contentou-se com uma função menor e autoproclamou-se profeta. Suas observações empíricas geravam prognósticos precisos, que tinham como característica comum o facto de serem sombrios, porque Zélia conseguia ser pior do que Deus no Antigo Testamento. «Aquela ali vai levar o marido à ban-carrota», decretou, de queixo comprido.

Zélia não se tornou um simulacro de ornitorrinco assim, de uma hora para a outra – essas coisas de evolução demoram para acontecer. A transformação começou ainda na infância, quando o que era para ser dom se tornou pesar. Do pai ela herdou o gosto pela notícia, da mãe a vida restrita ao lar. Do mundo ganhou desgostos, do destino a falta de escolhas. Formou-se assim a essência da fofoqueira.

Quem vê os olhos duros da moça não acredita que um dia foram capazes de olhar sem malícia. Quem vê o sorriso de mofa não imagina que um dia ele foi só sorriso. Mas assim era Zélia quando menina: só sorrisos e bons olhares. Nos poucos anos em que foi feliz ela achava a vida tão incrível que protestava nas pausas, recusando-se a dormir. *Eu posso ouvir os grilos, posso adivinhar os barulhos da casa, posso pensar no que fazer pela manhã, e nas brincadeiras da tarde*, ela dizia para si, de olhos abertos na escuridão. Mas o cansaço sempre encontrava meios de engabelar a menina, porque em algum momento da madrugada ela adormecia. Descobria logo que tinha sido enganada, e era a primeira a acordar pelas manhãs.

Zélia se levantava cantando, comia sorrindo e andava trocando. Inventava danças, distribuía beijos e gargalhava por gargalhar. Tudo lhe parecia divertido – encontrar pedrinhas entre os grãos de feijão, dobrar roupas secas do varal, descobrir teias de aranha no teto e varrer os cantinhos da sala.

As vizinhas condenavam os rompantes da menina: «Isto é falta de sova». Mas a mãe dispensava conselhos. «Um dia ela vai descobrir que a vida não é tão feliz, mas esse dia não tem que ser hoje», ela dizia, saudosa por ver nos trotes da filha aqueles que tinha dado, tantos anos atrás.

Sábado era para Zélia o mais genial de todos os dias geniais. Era quando via o pai pela primeira vez na semana. Álvaro Staffa era repórter durante o dia e boêmio durante a noite. Quando chegava em casa seus filhos já estavam dormindo, quando acordava eles já tinham ido para a escola. Os deveres paternos eram cumpridos nos fins de semana, quando tinha que entreter as crianças enquanto a mulher preparava o almoço. O italiano coçava a cabeça, olhava acanhado para os filhos e se preparava para fazer a única coisa que sabia além de escrever e beber, que era falar sobre o que foi escrito e sobre o que poderia escrever. Colocava Zélia em uma perna, botava Armandinho na outra, sentava Francisca de um lado, punha Zezinho do outro, dizia para Carlinhos, Julieta e Alice cruzarem as pernas no chão, fechava a porta do quarto para não acordar o çacula e contava para os filhos as aventuras de repórter. Um dia ele estava no Copacabana Palace, junto com as candidatas a miss; no outro estava em Niterói, vendo os estragos de um acidente com fogos. Havia o almoço na confeitaria Paschoal em homenagem ao presidente, a polêmica

pela extinção dos burros sem rabo das ruas do Centro. A placa de ouro que Santos Dummont recebeu dos amigos e a festa do Bom Jesus do Monte. Os decretos assinados na pasta de Viação, o fogo que extinguiu uma barraca na avenida do Mangue e a prisão daquele músico cego, que fazia ponto na rua Direita e tinha gêmeos para criar. Um disparate aquela prisão, que demonstrava apenas a crueldade dos nossos policiais!

Era a única hora da semana em que havia tranquilidade na casa do Rio Comprido. Além da voz rouca de Álvaro, o único ruído era o da panela de pressão.

Até que a profecia da mãe de Zélia se realizou. A menina passou por duas tragédias na vida, que a fizeram parar de trotar. A primeira foi a morte do pai. A segunda foi a descoberta de que era feia.

Álvaro Staffa descobriu a vocação para repórter aos quinze anos. Naquela época ele já era homem feito, formado e reformado pelas ruas do Rio. Aos oito anos ele chegou da Itália com os pais, aos nove ficou órfão. Como aprendeu o português, como começou a ler e escrever, como não morreu de fome, de peste ou de facada são mistérios só explicados por destinos que nascem traçados. Vendeu balas na barca de Niterói e bilhetes no ponto de bonde. Engraxou sapatos, limpou janelas e distribuiu jornais. Tirava seu sustento dos pequenos trabalhos na rua e dos favores que prestava a um respeitado senhor de casaca, que uma vez por semana o levava para um quarto de hotel na Lapa e pedia para que caminhasse nu sobre suas costas, cantando *O sole mio*.

Antes dos treze anos já tinha sido preso nove vezes. Sabia usar a navalha e era um capoeira temido. Achando que tinha

vivido demais e que era hora de se estabelecer, traçou para si um «plano de carreira», que consistia em tentar uma promoção no local onde trabalhava. De entregador do jornal Álvaro passou a contínuo da redação. Um avanço incrível. Era a primeira vez que trabalhava sob um teto.

A promoção veio em boa hora. Fazia alguns meses que Álvaro tinha sido dispensado de seus serviços de cantor nu, por estar pesado demais para caminhar sobre as costas do senhor de casaca. E que regalias, estas de agora, pois dispunha de mesa exclusiva, e quando não havia serviços ele podia passar a tarde inteira sentado, na companhia de um livro!

A boa vida terminou no inverno de 1918, quando a cidade registrou os primeiros casos de gripe espanhola. No começo era um aqui e outro acolá. Uma semana depois eram muitos aqui, e muitos mais acolá.

Em meados de outubro mais da metade da população do Rio estava doente. Em uma manhã de quarta-feira somente Álvaro, o editor do jornal, Camerino Rocha, e o tipógrafo apareceram na redação. Camerino olhou o menino atrás da mesa, perguntou se ele sabia escrever e o mandou para a rua, com um lápis e um bloco de notas.

Álvaro passou três horas caminhando pelo Rio. Viu homens agonizando em vômitos de sangue e crianças conversando com mães que já estavam mortas. Doentes em delírio, expulsos de suas casas. Profetas de longas barbas anunciando o fim do mundo. Ouviu os gritos de antes da morte que vinham de janelas fechadas e contou as centenas de corpos nas ruas, em vão. Quando terminava a conta outro defunto aparecia, ou a carroça da prefeitura chegava para rebocar os

corpos, e mal ia embora outros tantos já estavam nas soleiras, esperando a hora que vem depois da hora da morte, que era a de competir por um espaço numa das covas comunitárias da cidade, abertas dia após dia.

Pelas próximas semanas esta seria a sua rotina: chegar à redação, pegar um lápis e um bloco de notas, sair para registrar a tragédia e voltar com mais histórias do que eram necessárias para fechar a edição. Ele parecia imune à doença; no corpo não se sabe por quê. Na alma por ter visto a família inteira morrer, vítima da febre amarela.

Quando os repórteres que sobreviveram à gripe voltaram à redação encontraram Álvaro em frente a uma das máquinas de escrever. Com a exceção dos fins de semana e do dia de Natal o rapaz seria visto no mesmo lugar e por muitas horas, até o dia de sua morte.

E por que Álvaro morreu? São duas as versões. A primeira é que ele começou a ter muita sede, o que fez com que reavaliasse as prioridades. Para o Álvaro Staffa de antes o casamento, o corte de cabelo, as festas de aniversário, o que ele tinha comido pela manhã, todos esses eram detalhes irrelevantes, que aconteciam no intervalo daquilo que realmente importava – escrever, falar sobre o que foi escrito, beber para falar melhor sobre o que foi escrito e sobre o que se poderia escrever. Para o Álvaro Staffa de depois – aquele de muita sede – as prioridades eram beber para suportar o casamento, beber antes e depois do corte de cabelo, ir às festas de aniversário para beber e falar embriagado sobre aquilo que tinha escrito. Agora as histórias que contava aos filhos ficavam pela metade. As quatro vítimas do terrível acidente de ônibus na rua Dias da Cruz tinham seus destinos suspensos

pelos cochilos de Álvaro Staffa. Não adiantava ser chamado pelo primogênito, não adiantava ser chacoalhado por Zélia. Álvaro começava uma história, cabeceava um pouco, tentava abrir os olhos mas desistia, e não havia meios de descobrir quem mais tinha morrido, além de um professor de Latim.

Deu para chegar na redação de ressaca. Ouvia pitos de Camerino, e para se recompor passou a cheirar cocaína. Da pura, alemã, vinda diretamente dos laboratórios Merck, comprada no mercado negro que funcionava na ladeira do hotel Glória.

A principal consequência da mudança de Álvaro foi sentida na despensa de casa. Até então ela apresentava padrões regulares de logística: estava cheia no início do mês e vazia no final. Mas depois que Álvaro degradingolou passou a ser sempre uma despensa de fim de mês. Só abrigava um punhado de farinha, um restinho de açúcar, um pouquinho de feijão, uma cebola solitária. Uma banana que não se sabe como conseguiu sobreviver à fome daquelas crianças, e que escurecia, enquanto os integrantes da família pensavam se a miséria era assim tão grande para comerem a fruta meio podre.

Álvaro Staffa morreu de cirrose, aos trinta e cinco anos. Os amigos que acreditaram nessa versão da morte lamentaram durante o velório os vícios devastadores que ceifam os talentos deste Brasil.

Existe também a segunda versão. É que Álvaro, esse moço que se fez do nada, esse pau que nasceu direito, entortou-se pela vida e endireitou-se no casamento – continuava a ter certas tendências enviesadas. Álvaro gostava da rua, e dos tipos da rua. Vez por outra o rapaz se engraçava por alguma

mulata – eram sempre mulatas que lhe apeteçiam. Depois deixava de se engraçar, e a vida continuava.

Eram essas as intenções do moço quando numa terça-feira de carnaval conheceu uma odalisca desfilando no cordão carnavalesco Tira o Dedo do Pudim. Ela tinha dentes tão claros quanto o branco dos olhos, embora não fosse possível ver o branco dos olhos. Rosa dançava de olhos fechados e sorriso aberto, movimentando os quadris de forma inédita para Álvaro. Aqueles eram quadris com personalidade. Eram firmes e tesos e fortes e irresistíveis.

Álvaro precisou de três meses para conferir os atributos daqueles quadris, o que fez no quarto de pensão alugado por Rosa. O casal passava tardes inteiras trocando fluidos e juras de amor, com Rosa pedindo sussurros em italiano, e Álvaro pedindo desfiles de corpo nu. A moça se entregou por inteiro àquela paixão. Álvaro entregou seu pênis por inteiro àquela paixão.

Até que chegou a hora de Álvaro retirar o pênis e os sussurros italianos do quarto de pensão. Em casa a mulher já tinha saído do resguardo, e ele teria outras formas de se aliviar. Despediu-se de Rosa como quem se despede de um tio-avô, sabendo que nunca mais a veria, e sem se importar com isso.

Rosa não aguentou o abandono. Quebrou vasos, rasgou roupas e cogitou estricnina. Emagreceu tanto que além de Álvaro perdeu também os quadris. Ganhou olheiras, cabelos revoltos e a demissão do trabalho de meseira em uma das tascas da rua Direita.

E tudo teria ficado assim, com essa Rosa mulata mastigando a bÍlis que vem quando o primeiro amor se vai,

se ela não fosse a filha do babalaô Oluô Teté, um dos mais respeitados feiticeiros do Rio. Seu terreiro na Vila da Penha era frequentado pelos mais importantes políticos do país. Carruagens vindas de Botafogo paravam em frente ao seu portão, e delas saíam senhoras com rostos escondidos pelo chapéu e protegidos pelo leque. Oluô Teté sabia ressuscitar doentes e discursar em línguas mortas. Sabia falar com os espíritos, levitar e trazer a chuva ou o sol.

Vendo o estado da filha, Oluô fez o que qualquer pai faria: cerrou os punhos e desejou que o carcamano fosse para o quinto dos infernos. Mas no caso dele era fácil realizar o desejo, por ter acesso direto às fontes. Oluô mandou matar uma vaca e pediu para Rosa trazer a roupa de cama que dividiu com Álvaro. Enrolou a filha em lençóis manchados de sangue e rezou ou praguejou numa língua desconhecida. Por todo o fim de semana os tambores do morro do Cariri não pararam de tocar.

Na segunda-feira pela manhã, Álvaro começou a beber.

Era tanto o ódio de Rosa e tão forte a magia do pai que as maldições impingidas a Álvaro se estenderam a todos aqueles gerados por seu sêmen, prejudicando a vida de seus oito filhos, e de dezesseis mulatinhos da Zona Norte do Rio.

João morreu no mesmo mês que o pai. Viu a cama vazia de Álvaro, deitou-se com as costas arqueadas e chorou por três dias, até ser consumido pelas próprias tristezas. Francisca adoeceu duas semanas depois. O médico disse ser pólio, e que não voltaria a andar.

Viúva e filhos não gostam de lembrar dos meses de penúria. Sabe-se que Carlos, de treze anos, passou a ser o homem

da casa. E que o sumiço dos bichos-preguiça do Campo de Santana aconteceu na mesma época em que a família experimentava o gosto de carnes exóticas.

Logo depois eles foram anexados por um parente que morava em Bangu – naquela época as famílias eram um pouco como estes exercícios de conter e estar contido que se fazem na matemática. Era uma casa de cinco quartos e um banheiro, com um Jesus Cristo protegendo a fachada, galinhas e mangueiras no quintal. O núcleo de Zélia ganhou um quarto, e o último lugar na fila do banheiro.

Quando Zélia foi morar com os tios, ela ainda tinha o caderno de capa azul que recebeu de presente do pai, em seus tempos de pouca sede. «É para você escrever o que pensa do mundo», ele disse. Os bracinhos de Zélia envolveram o pescoço de Álvaro, que agradeceu de olhos fechados pela família que Deus lhe deu. A prosa tatibitate das primeiras páginas evoluiu para parágrafos elaborados, escritos nos meses de sofrimento. Era esse o único bem de Zélia. Aquele que ela guardava debaixo do colchão, e que foi descoberto pelos primos, que declamaram entre risadas alguns trechos antes do jantar, e que causou problemas para a mãe, que defendeu a filha atacando os sobrinhos a cintadas, e foi atacada em seguida pelo irmão. Afinal quem era ela, além daquela que morava de favor?

Quando Zélia deixou de morar com os tios, o caderno já não existia. Era besteira, foi para o lixo, pois havia a ilusão de que se o caderno fosse para o lixo talvez levasse com ele as galhofas que vinham dos primos.

*

Até que Zélia resistiu bastante. Resistiu às roupas remendadas e às calcinhas de segunda mão. Resistiu ao mesmo sapato usado tantos anos, largo nos primeiros tempos, e apertado depois. Resistiu às risadas dos primos e à falta de carinhos da mãe, sempre cansada depois de lavar a roupa e de cozinhar para as quinze pessoas da nova casa. Resistiu à sopa rala e ao choro dos irmãos mais novos.

Mas Zélia não resistiu à adolescência. Quando percebeu dois caroços de feijão por trás do peito reto, quando sentiu as dores no ventre baixo acompanhadas de sangue, quando descobriu desejos e temores que não sabia de onde vinham, nem para que serviam, seu inflexível otimismo se flexionou.

– Zélia tem boca de gaveta, Zélia tem boca de gaveta! – os primos agora diziam.

Numa tarde com poucas pessoas na casa ela foi até o banheiro. Trancou a porta e conferiu seu rosto no espelho. Aquela não era mais a imagem da criança levemente estrábica, com um imenso laço em uma das têmporas. Aquela era a imagem de uma moça com cabelos desajeitados, olhos e nariz desajeitados, espinhas salpicando a testa desajeitada e uma imensa boca, que esbanjava lábios e dentes. Era uma boca abundante, desnecessária, excessiva. Duas linhas grossas que cortavam o rosto sem piedade. Zélia permaneceu olhando a própria imagem enquanto formava a opinião que teria de si para o resto da vida. Era uma mulher feia.

Estava escrito em seu destino e em sua face que seria infeliz. As inseguranças trazidas pela juventude se misturaram a uma amargura inédita, que brotava em seu peito como mato de jardim. Mesmo nos primeiros tempos de adolescência, quando Zélia ainda se dizia *isso é besteira, não pense*

assim e arrancava os matinhos amargos, eles voltavam, constantes, e cresciam. Até que Zélia deixou de arrancar o mato, olhou de novo para o espelho e concluiu que a feiura do rosto e a tristeza da vida combinavam com a amargura do peito.

Nascia ali a Zélia de olhos duros. A única herança da antiga Zélia era o interesse pela vida, que agora aparecia distorcido. Só existia para classificar as pessoas no cruel sistema de comparações criado para entender o mundo. Zélia não queria ser, e não seria, a única pessoa infeliz. A partir daquele momento se tornou capaz de encontrar a infelicidade em todos os lados, por meio de factos ou de boatos, distribuídos por sua imensa boca.

Zélia teve um último momento de esperança, quando imaginou uma vida de sorrisos mais abundantes. Foi pouco antes de completar dezoito anos. Fazia alguns meses que se correspondia com um primo de segundo grau por parte de pai, um certo Nicolas Staffa, que tinha se estabelecido com a família no sul de Minas Gerais. O pai de Nicolas era um empresário do ramo do entretenimento que estava se tornando pessoa influente da cidade de Lambari. Pois esse Nicolas escreveu a Zélia dizendo que vinha ao Rio cuidar de negócios para o pai, e aproveitaria para ficar para o baile de fim de ano do Clube dos Democráticos. Será que Zélia e suas irmãs não gostariam de acompanhá-lo? Zélia escreveu a resposta com o estômago contraído. Sim, encantada, ela iria com as irmãs.

Zélia Staffa, Zélia Staffa, a moça pensava, sorrindo. A vida tem ironias. Nos últimos meses combinava seu nome com os sobrenomes dos rapazes que conhecia. Zélia Camargo, Zélia Cavalieri, Zélia Calixto. Quem diria, pensou, que dentre

tantas possíveis combinações seu nome voltaria a ser Zélia Staffa. *Zélia Staffa, Zélia Staffa*. O nome lhe caía bem.

A esta altura Zélia já tinha consciência das dimensões de sua boca e de todos os motivos de desgosto que havia em torno da boca. Mas tinha esperanças na troca de cartas com Nicolas, por dois motivos: o primeiro é que já haviam se conhecido, dando ao rapaz o livre arbítrio de continuar a se corresponder com Zélia mesmo depois de inteirar-se sobre os excessos de seu rosto. A segunda é que quando Zélia escrevia, se transformava em uma das mulheres mais interessantes de seu tempo.

Zélia só pensava no baile. Cantarolava baixinho, brincava de fazer tranças e deu naqueles dias os últimos sorrisos que remetiam àqueles da infância. Costurou o próprio vestido, um modelo rosa claro com saia evasê e mangas bufantes. Costurou um bolero de tecido marfim, a ser utilizado na entrada e na saída do baile. Comprou luvas novas, investiu num chapéu a prestações e pediu emprestados os brincos da irmã mais velha. Seguiu as dicas de beleza do *Jornal das Moças*. Descansou os olhos em rodela de pepino, deixou os cabelos imersos em babosa e tomou banho com gotas de iodo, para ganhar na pele a cor de âmbar. No dia do baile Zélia estava tão feliz que se sentiu bonita.

Mas aquele não foi um baile bom. O Nicolas daquela noite parecia não ser o mesmo que escreveu as cartas. Mostrou-se educado, porém contido. Sorridente, mas reservado. As conversas morriam depois da terceira frase. Havia entre os dois mais quilômetros do que aqueles que ligam Lambari ao Rio, uma distância que foram capazes de encurtar tão bem nos meses de correspondência.

Lá pelo meio da noite Zélia desistiu de esperar do baile as horas de prazer que sentiu ao ler as cartas de Nicolas. Deixou o moço no meio do salão e disse que precisava retocar a maquiagem. Nicolas nem disse que sim nem que não, apenas consentiu com a cabeça. Zélia virou as costas, e desabou. A mulher interessante que era, ou que acreditava ser na frente de Nicolas, deu lugar a uma moça triste e insegura. A cada passo em direção ao banheiro a insegurança aumentava. Quando, no meio do caminho, conferiu sua aparência na parede espelhada, só conseguiu ver a saia um pouco torta, as mangas bufantes demais e uma horrível boca de gaveta.

A falta de palavras de Nicolas modificou as impressões sobre si mesma. Concluiu que ninguém naquele baile gostaria de estar a seu lado. Ela não sabia se vestir. O cabelo estava menos enrolado do que deveria. O rouge que dava alguma graça a seu rosto já tinha se esvaído. E aquele batom vermelho, por que ela foi usar um batom vermelho? Aquilo era tão chamativo quanto um sinal de trânsito. Zélia procurou uma cadeira num cantinho do salão e permaneceu ali pelo resto da noite. Ela queria sumir, o que seria impossível. Sua boca não ia desaparecer.

Mas o principal erro da noite não seria o vestido, o cabelo ou o batom. Naquele cantinho do baile estava Plínio, um rapaz de pescoço fino e olhar angustiado, como se estivesse o tempo todo com muita vontade de fazer xixi. Plínio estava habituado a se retrair, e sentia-se confortável naquele cantinho. Quando Zélia se aproximou, ele não viu o cabelo de poucos cachos ou a boca em demasia. Viu apenas uma moça que, como ele, parecia gostar de cantinhos.

Casaram-se no ano seguinte. Plínio Correia exerceria por

quarenta anos a mesma função de gerente na Companhia Light do Rio de Janeiro. Seu salário nunca seria magnífico ou deplorável, suas ambições transitariam entre o nulo e o irrelevante. Não esperava nada da vida além do moto-contínuo, para ele o desconhecido seria sempre ameaçador. A única aventura da vida de Plínio seria uma excursão de cinco dias a Foz do Iguaçu. Envelheceria com Zélia deste jeito tão comum de envelhecer, que implica em se afastar um pouquinho da companheira, todos os dias.

Zélia viu no casamento a solução para seus dias infelizes em Bangu. Depois viu o casamento como um erro. Um erro que ressonava a seu lado, todas as noites. Vendo Plínio dormir de boca aberta Zélia pensava na mediocridade de sua vida. Pensava em Nicolas, pensava que deveria ter insistido um pouco mais naquela noite. Pensava que poderia ter sido a rainha dos casinos de Lambari, em vez da mulher de um zé-ninguém na Tijuca.

O que Zélia não sabe é que a distância de Nicolas durante o baile não foi causada por seu pobre desempenho intelectual ou pela aparência imperfeita. O que aconteceu naquela noite é que o rapaz, acostumado à dúzia e meia de mineiras casadoiras de Lambari, teve uma overdose de sensações ao encontrar tantas e tão interessantes cariocas no baile dos Democráticos. *Esta cidade é o paraíso*, pensou. Não foi difícil reavaliar prioridades, colocando o casamento no fim da fila e trazendo para adiante alguns anos de experimentos.

Talvez tenha sido um trabalho de Oluô Teté (depois de se desiludir com a oitava morena o feiticeiro perdeu a paciência e jogou uma praga contra as mulheres do Rio). O facto

é que desde os tempos da mãe de Rosa as cariocas enfrentam a maldição de serem lindas, inteligentes e tantas, mas tantas, que os homens da cidade podem se dar ao luxo de não ter que escolher uma só.

E foi assim que Zélia foi parar na Tijuca, consciente de que dali jamais sairia. Não era na verdade um lugar ruim para estar. Era muito melhor do que o quartinho dos fundos que habitava em Bangu. Só que esta nova Zélia não conseguia ver as dádivas da vida. Só conseguia ver o marido mais ou menos, os filhos não tão bonitos, a casa remediada. Estava cercada por erros. A menina que um dia teve um caderno azul continuava a explorar o mundo, para encontrar no entorno os defeitos que só ela via.

Se a vizinha não deu bom dia não foi porque não a viu, mas porque a ignorou. Se a goiaba veio com bicho foi porque o feirante sabia, e quis lhe engabelar. Se D. Irene engordou é porque estava infeliz, se emagreceu é porque ficou deprimida. Se a filha do padeiro ajudava no caixa é porque queria encontrar marido, se não ajudava é porque era folgada. Se a afilhada tirava boas notas, queria se mostrar, e se escondia o boletim, era uma parva.

– E você, imprestável, não sabe fazer nada além de escutar este rádio? – Zélia cruzava os braços e aumentava o queixo ao se dirigir ao marido.

Sentado em seu cantinho, Plínio não respondia. Foi acometido deste mal que ataca tantos homens, que é o voto de silêncio depois de alguns anos de casamento. Inclusive depois das bodas de cobre o número de sílabas que soltou foi menor que o de arrotos.

As constantes insatisfações de Zélia terminaram por modificar sua aparência. Para cortar a casca da abóbora, para desentupir a pia, para limpar as prateleiras mais altas, Zélia fazia muitas caretas, que no começo não combinavam com o rosto jovem, mas que depois faziam parte das suas feições.

Seus olhos ganharam círculos roxos, vindos das noites mal dormidas. Pois se na infância a Zélia feliz batalhava contra o sono, nos anos seguintes ela desaprendeu a dormir. E como um soninho lhe caíria bem, nesta sua vida de tédio! Pois nada. Zélia passava noites e mais noites em claro, aumentando as olheiras e o mau humor. As insônias tão desejadas nos anos ingênuos se tornaram um fardo a ser carregado pelo resto dos seus muitos dias.

Depois de um tempo, Zélia se olhava no espelho e virava o rosto, contrariada. Difícil dizer se ela era amarga por ser feia, ou se era feia por ser amarga. Era a janela a sua salvação. Ali ela podia ver tudo o que não era Zélia. E era ali que ela via Eurídice, esta moça que não parecia estar de todo confortável no lar, e que merecia os julgamentos que Zélia gostava tanto de fazer.

– Bancarrota. Escrevam o que eu digo. Eurídice só sabe fazer banquetes, mas daqui a alguns anos terá que viver de farinhas.